

REMINISCÊNCIAS DOS CADETES DA ESCOLA MILITAR DO CEARÁ

GASTAO JUSTA

Inaugurada no dia 1º de Maio de 1889, no Bairro do Outeiro no mesmo edifício onde hoje funciona o Colégio Militar, a Escola Militar do Ceará teve os seus dias de glórias imarcescíveis e de episódios memoráveis.

Comentando o decreto, que é de 1º de Fevereiro do mesmo ano, criando a Escola Militar, assim se expressa João Brigido, em seu livro — “Ceará — Homens e Fatos” — pág. 508: — “Decreto, criando uma Escola Militar no Ceará, instituição nociva à paz pública, a qual veio desaparecer em meio de maldições”.

Aqui não falou o historiador emérito e vigoroso jornalista, que foi João Brigido dos Santos, mas o espírito conservador do tempo, que vê sempre o absurdo nas inovações, quer surjam elas no campo das ciências, quer no das transformações políticas e sociais.

Os cadetes, com as suas diabruras infernais, traziam a pacatíssima cidade de Fortaleza em meio do maior reboliço. Trotes, correrias, tôda sorte de palhaçadas, de traquinagens próprias de estudantes, que faziam da profissão de estudar um motivo perene de alegria, tudo isto constituia uma nota alacre no panorama social daquela época.

Onde estava um cadete, estava a graça esfusiante, bem assim a ameaça constante de um barulho. Naqueles tempos, a valentia era o apanágio da mocidade. Militar ou civil, cadete ou estudante, estivador ou marinheiro, ninguém levava para casa um desafôro. O insulto era resolvido ali, a pau e a faca. O Bairro do Outeiro tinha fama de zona estragada, perigosa, onde moravam os *canguleiros*, que não toleravam os *tripeiros*, isto é, pessoas que habitavam o centro da cidade, cuja linha divisória começava na rua Governador Sampaio. Dali ninguém passava. *Tripeiro* que aparecesse na zona dos

canguleiros era certo o atrito. O cacête cantava (com licença do sr. Péricles de Gois Monteiro) na cabeça do intruso. O rôlo se formava e nem mesmo a polícia conseguia impôr a sua autoridade.

Os cacêtes primavam não só pela galanteria, pelo brilho da farda, pela finura do espírito, como também pela bravura de suas atitudes. Eram valentes, de verdade. Por dá cá aquela palha, o rebenque ia à cara do malcriado ou quando a *truta* (1) era mais séria entrava em cena o revólver. . . Conta-se que um cadête (que morreu Coronel do Exército e foi elemento de projeção na política cearense, no Governo Franco Rabelo), passava por uma rua, quando uma senhorita, assediada por marinheiros, gritou por socôrro. O cadête não teve dúvidas: espalhou-se, deu rebencadas, ponta-pés, pondo em fuga os atrevidos. Eram assim os cadetes.

Nas horas de exercício, chamavam a atenção da população suburbana pela imponência marcial. As manobras se realizavam em frente à Escola e nas ruas Dona Leopoldina e da Conceição, hoje Avenida Dom Manoel.

Tôda gente do Bairro, alvoroçada, corria a assistir ao garbo dos futuros oficiais do nosso glorioso Exército, nas manobras, marchando, contramarchando, dando alto à voz do comando:

— Ordinário, marche ! Meia volta, volver ! Sentido !

Bairro atrasado, de notável no plano arquitetônico se distinguíam o edifício da Escola, a Cacimba pública, tôda de alvenaria, erguida no centro da Praça Benjamin Constant, mandada construir em 1878, pelo Presidente da Província, dr. José Julio de Albuquerque Barros, e alguns prédios residenciais de aspecto vistoso, amplos e confortáveis. O mais eram casinhas baixas, de bicas de telha, habitadas por gente humilde — estivadores, trabalhadores ambulantes, artífices, pequenos funcionários públicos, soldados e capitânicas, como se chamavam os marinheiros-remadores da Capitania dos Portos e da Alfândega.

Nêsse ambiente simples e acolhedor, apropriado para as serenatas, para as festinhas modestas, para os namoricos e também para as tricas, para as brigas, para as desordens, viviam os cadetes assuntando as cousas, metendo o bedêlho em tudo, pilheriando, criticando.

De uma senhora, com fumaça de rica e que não passava de uma pronta, eles deram alarma com as seguintes quadras :

(1) -- Termo de gíria carioca, significado: briga, barulho, luta.

Chegou, chegou, chegou
 Uma linda caloteira,
 Mandou fazer o vestido
 Não pagou a costureira.

E o côro, em voz alta :

Chegou, chegou, chegou,
 Agora, agora, agora.
 Chegou, chegou, chegou
 E não faz meia hora.

Tudo isto era cantado, por entre ruidosas gargalhadas.
 Contra êles mesmo, voltavam, às vezes, a arma mordaz da
 sátira, numa advertência maliciosa :

Ó senhor cadete,
 Da golinha azul,
 Não namora a moça
 Que ela é do sul.

Ó senhor cadete,
 Da gola encarnada,
 Não namora a moça (2)
 Que ela é casada.

Tenho em meu arquivo algumas piadas apimentadas, impróprias para crianças até 10 anos e mesmo para senhoras, que não poderão ser citadas nesta ligeira crônica de reminiscências dos cadetes da Escola Militar.

Vamos, entretanto, ao lado jocoso e leve das cousas passadas.

Já no dealbar da madrugada republicana, o Conde D'Eu andou pelo Ceará, em Agosto de 1889, em propaganda, dizia-se, do trôno, sèriamente abalado pela eloquência dos vanguardeiros da causa democrática.

A Escola Militar tinha sua enfermaria instalada numa das salas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. O genro de Pedro II, em visita àquele hospital, teve ocasião de palestrar com os cadetes enfermos que ali se encontravam. Pois bem,

(2) — No sul, costuma-se dizer: moça solteira e moça casada. Muitos cadetes eram filhos de Estados sullistas.

quando o Conde d'Eu dava às costas, os cadetes gritavam, a fortes pulmões :

— Viva a Republica !

As Irmãs de Caridade, aflitas, diziam, de maneira delicada: “não façam isso !”

Os cadetes respondim com irônicas risadinhas...

O meu velho e saudoso amigo José de Gois, falecido há alguns anos, nesta capital, contou-me que certa vez, por volta das 10 horas de uma noite escura, atravessava a Rua da Conceição, hoje Avenida Dom Manoel, quando se defrontou com o cadete Neutel, muito seu conhecido, com quem sempre palestrava em casas de familia de suas relações de amizade. O cadete, celebre pela sua valentia, conduzia como de costume o seu pesado rebenque e um magnífico Smith Wesson.

Ao passar um pelo outro, Neutel correspondeu ao boa noite do amigo com uma forte rebencada. Estava um pouco alcoolizado. José de Gois desviou-se o quanto pôde da bordoadada, e procurou uma pedra para a represália, tendo encontrado no areal da rua um cano de ferro de engomar, fazendo com êste um violento rebôlo que foi atingir às costas do cadete. Neutel, então, saca do revolver e apertou o gatilho três vezes seguidas.

José de Gois, já muito longe, fora do perigo, ria-se a valer do incidente.

No dia seguinte, na mesma casa onde se reuniam, vários cadetes e José de Gois, Neutel referia o ocorrido, mostrando nas costas o ferimento feito pela pedrada do desconhecido...

Agora recordemos o cadete Neutel. Filho do Ceará, membro de importante família, não concluiu os seus estudos. Teve um fim trágico: morreu assassinado. Forte, respeitado por todos os colegas, e conhecido como o mais valente e temido da Escola, Neutel era tambem um grande amoroso e frequentava a casa de uma amiguinha, cujo irmão, de nome Bonates, magricela e pequenino, não via com bons olhos aquela amizade. E mais de uma vez advertira à irmã de que ainda justava contas com o cadete. Ciente do ocorrido, Neutel zombou da ameaça, e um dia encontrando-se com o rapaz, procurou surrá-lo. Bonates, que já vivia prevenido, conseguiu safar-se das mãos vigorosas do seu agressor, vibrando profunda e certa facada no coração de Neutel, o qual sentindo-se ferido, foi derreando o corpo, dizendo: “Pois este amarelo me matou !”.

Veio o golpe de Estado, a 3 de Novembro de 1891, em consequência do qual assumiu a chefia da Nação, a 28 do mesmo mês, o Marechal Floriano Peixoto. Presidia os destinos do

Ceará o General José Clarindo de Queiroz, que caíra no desagrado de Floriano por ter apoiado o golpe de 3 de Novembro, e também, como escreve Eusebio de Sousa, pelos contínuos choques de elementos da policia estadual com alunos da Escola Militar, infelizmente já se registrando cenas de sangue. O esbofeteamento de um aluno da Escola Militar, prossegue Eusebio de Sousa, em frente à Chefatura de Polícia, o espancamento bárbaro de outros na Guarda Cívica, onde fôram em defesa de um companheiro, exaltou igualmente o espírito dos Chefes das classes armadas. O Governador prometeu providenciar, mas como se fizessem demorar tais medidas, a luta era esperada a todo momento.

Como se observa da narrativa dos fatos, a situação do General José Clarindo era insustentável, tendo contra êle o Presidente da República, a Escola Militar e vários oficiais da Guarnição Federal.

Os cadetes ensaiaram, então, a deposição do Governo cearense. E tôda vez que a Escola se preparava para sair à rua, o 11º Batalhão de Infantaria ficava de prontidão. Isto durou até os primeiros dias de fevereiro, de 1892, quando o Batalhão recebeu ordens do Rio para acampar em Maranguape. Neste interm, os cadetes, sob o Comando do Major Bezerra e de outros oficiais, entraram em ação, e a 16 do mesmo mês abriram fogo contra o Governo constituído, tendo este capitulado na manhã do dia seguinte.

Este episódio político foi o de maior repercussão na vida da Escola Militar.

Normalizada, porém, a situação do Estado, os cadetes proseguiram nas suas costumeiras tropelias, e até à cidade de Maranguape levaram a sua fama de brigões. Certa ocasião, numa festa pública, que se realizava ali, os rapazes da Escola Militar entenderam de perturbar a tranquilidade dos maranguapenses. A reação, entretanto, não se fêz esperar. Desceram da serra dezenas de trabalhadores afeitos ao manejo do cacête e a luta entre cadêtes e serranos tomou proporções espantosas, terminando com a retirada dos cadetes, que, desconhecedores do terreno, tiveram de rumar, a pé, a Fortaleza, muitos dêles sangrando da luta e estropiados da caminhada forçada.

Os feitos da revolta da Esquadra, chefiada por Custódio de Melo, foram glosados, por toda a parte, em prosa e verso, e através de jocosas e picantes anedotas.

No Ceará, os cadêtes divulgaram umas quadrinhas, rela-

tando as ocorrências da revolta, na Capital da República, as quais diziam assim :

Javari, Tamandaré,
O valente Marajó (3)
Juraram seus comandantes
De pôr a cidade em pó.

REFRÃC :

Pif-paf ! olha a granada !
Pode entrar que não há nada.
Pif-paf ! Olha o bombardeio,
Pode entrar não há receio.

Eu vi uma velha correndo
Com a saia de saracura.
Eu corri atrás da velha,
Fui parar em Cascadura.
Pif-paf ! etc.

Lá caiu uma granada
No Largo de São Francisco
Retumbou, retumbou,
Matou povo como cisco.
Pif-paf ! etc.

Não sei, nunca soube da autoria desses versos. Mas é sempre com uma grande saudade, que recordo essas quadrinhas, ouvidas dos lábios de minha mãe, anos depois da extinção da Escola Militar, quando aos 6 anos de idade, eu me iniciava nos conhecimentos do ABC...

A Escola Militar do Ceará cerrou as suas portas no ano de 1897. Muitos cadetes foram transferidos para a Escola do Sul do País. Outros se desligaram e mudaram de destino, entrando na vida civil.

O bairro do Outeiro perdeu aquêlê tumulto permanente de barulho e folia de então, e nunca mais despertou ao toque festivo de alvorada dos endiabrados Cadetes da Escola Militar.

Cousas do tempo, que tudo transforma e modifica.

(3) — Nomes de alguns navios de guerra que tomaram parte na revolta.